

## **Antagonismo e protagonismo social, a representação dos negros no telejornalismo policial pernambucano<sup>1</sup>**

### *Antagonismo y protagonismo social, la representación de los negros en el telediario policial pernambucano*

Adriano FLORENCIO<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Esta pesquisa está direcionada para o estudo do telejornalismo policial seus enunciados e perspectivas apontadas sobre o grupo étnico dos negros, no período de dezembro de 2013 a maio de 2014. É no intuito de desvendar o perfil tendencioso ao racismo dos apresentadores e produtores da mídia televisiva Pernambucana em especial aqueles que trabalham com jornalismo investigativo, a sua atuação nos programas além de apontar que efeitos podem surgir após essa interação da sociedade. Para isso tivemos o cuidado de observar cada programa e cada reportagem, mesmo que por muitas vezes os programas que tratem desse tema em nosso estado apresentem os mesmos casos, porém cada um com a sua abordagem peculiar. As fontes utilizadas na pesquisa foram os telejornais, fonte básica de nossa pesquisa, livros e artigos que tratem da interação dos negros na sociedade brasileira e de racismo.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Racismo. Telejornalismo Policial. Direitos Humanos.

#### **Resumen**

Esta investigación se dirige al estudio del telediario policial sus enunciados y perspectivas apuntadas sobre el grupo étnico de los negros en el período de diciembre de 2013 a mayo de 2014. Es con el fin de desentrañar el perfil tendencioso al racismo de los presentadores y productores de los medios televisivos Pernambucanos en especial aquellos que trabajan con periodismo investigativo, su actuación en los programas además de apuntar qué efectos pueden surgir después de esa interacción de la sociedad. Para eso tuvimos el cuidado de observar cada programa y cada reportaje, aunque a menudo los programas que traten de ese tema en nuestro estado presenten los mismos casos, pero cada uno con su enfoque peculiar. Las fuentes utilizadas en la investigación fueron los telediarios, fuente básica de nuestra investigación, libros y artículos que traten de la interacción de los negros en la sociedad brasileña y de racismo.

**Palabra-clave:** Teleperiodismo. Racismo. Teleperiodismo Policial. Derechos Humanos.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi elaborado como Relatório final do Projeto de Iniciação Científica PIBIC – UFPE-2013/2014. Sob a orientação da Prof. Dra. Carolina Dantas de Figueiredo.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGC/UFPB.  
E-mail: adrianoalmansour@gmail.com

## **Introdução**

Durante grande parte do processo histórico de formação do país, ao grupo étnico dos negros não eram ainda direcionadas boas oportunidades de trabalho e emprego. Mesmo após a abolição da escravatura, o trabalho braçal e de pouco prestígio social ficou associado às atividades que seus ancestrais desempenhavam na época anterior. Discorrendo sobre isso afirmou Amaral (2001, p, 02):

As funções que a grande maioria dos negros vem desempenhando no Brasil, ao longo deste século, tem sido as funções de menos prestígio social, sendo a ela reservado lugar específico no mercado de trabalho, incluindo-se ai os serviços pesados, principalmente na construção civil, serviços domésticos, mercado informal, além de que um contingente significativo de negros, encontra-se desempregado. No Brasil, o negro sofre dupla exclusão, ou seja, é excluído racial e economicamente, já que por conta do racismo, ele é levado, a exercer na maioria das vezes papel subalterno levando-o a miséria e até a marginalidade.

Como dito pelo autor, sem emprego e empurrada para as piores oportunidades que surgiam, sempre foi mais difícil para a população negra do Brasil posicionar-se social e economicamente.

E assim sobre a população das periferias se adquiria um olhar marginal e determinista, como se nascer nos subúrbios das grandes cidades brasileiras - que são nada mais nada menos do que o fruto do descaso governamental imposto sobre a população negra desde 1888 - fosse, por si só defeito, defeito esse que permitiria que essas pessoas fossem descartáveis ou manipuláveis.

Por conta do processo histórico de marginalização dos negros e pardos, recai sobre este grupo étnico-social uma visão pejorativa, como aponta Fernando Costa (1998, p. 157) quando aborda a problemática da visão criminal dada aos negros.

## **A definição de telejornalismo**

Partir para definição de telejornalismo policial não seria possível sem conceituar o telejornal ou noticiário, que é bem definido por Olga Curado (2002, p. 15) como sendo o programa que existe para: “Oferecer ao público informação sobre os fatos da

semana, do dia, da hora, do momento”.

Por essa definição temos a diretriz de que o telejornalismo ou noticiário tem por fundamento a notícia, manter o público o mais informado possível dentro dos limites de tempo, dia, hora, semana, mês, passando a ele informações de relevância. Mesmo cientes desse conceito de telejornal ou noticiário, ainda nos resta ter bem a definida a notícia, que é a matéria prima do telejornal. Ainda consultando Olga Curado (2002, p. 15), encontramos uma boa orientação daquilo que pode ser chamado de notícia, sendo esta: “a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado.”

Com isso, nos damos conta de que o que é e o que não é notícia está diretamente ligada à discricionariedade, ou seja, a livre e espontânea vontade em decidir sobre tal coisa fica a cargo do repórter e sua equipe. Assim os repórteres e jornalistas eles podem escolher “o que vale” e “o que não vale” a pena ser mostrado, o que é e o que não é de “interesse público”. Mas essa prerrogativa não deveria estar assim alinhada no plano do subjetivo e discricionário de seletor grupo, mas sim, ligada a objetividade, por esse motivo não é correto caber ao jornalista decidir o que é e o que não é notícia, o que vale e o que não vale a pena ser divulgado, em outras palavras o jornalista não tem o poder de decidir o que é de interesse público ou não.

Em nosso entendimento essa estruturação dá ao conteúdo jornalístico uma estrutura baseada no achismo, já que para nortear a seleção da notícia não conseguimos enxergar a objetividade e a imparcialidade.

## **Definição de telejornalismo policial**

O gênero televisivo telejornalismo policial pode ser entendido como um formato, típico de telejornal que tem por intuito acompanhar as operações ou diligências das forças de segurança pública, para prestar a sociedade o serviço de informar que tipo de atuações tem feito o estado para manter a segurança e preservar os bens públicos e privados.

É sabido que com o recurso da imagem, as cenas de perseguição, captura, e flagrantes ganham mais força, pois se dão com o uso do drama, close nas expressões

faciais e até mesmo com as edições que são feitas no período de pós-produção da matéria jornalística, recursos estes muito mais relacionados à ficção do que ao jornalismo tradicional. Ou seja, uma boa pós-produção, pode criar heróis ou bandidos frente a um público passivo e alheio aos interesses inclusos pelos produtores de tais conteúdos. Afastando-se da objetividade dos acontecimentos jornalísticos e aproximando-se do entretenimento. Como exemplo temos a imagem seguinte:<sup>3</sup>

Figura 1: A peladona da Avenida Sul



Fonte: Tvjornal.ne10

Com o uso da image acima os produtores do programa Cardinot na Clube, da TV Clube PE, afiliada da Rede Record aqui em Pernambuco, ajudam o apresentador do programa a afastar-se do jornalismo objetivo e informativo que brada fazer. E aproxima-se do entretenimento sensacionalista, recorrendo a ilustração de uma mulher em situação de fragilidade pelo provável uso de drogas, que supomos ela ter usado pelas suas falas na entrevista concedida ao repórter em questão, a mesma diz ser garota de programa, atividade que muitas vezes leva as mulheres a uma condição de extrema exposição. As cenas da reportagem mostram a mulher em posições eróticas, com a narrativa do apresentador que remete a performance ali exibida é a do simples ridículo.

Para maior compreensão desse estudo temos que levar em consideração a origem dos profissionais que produzem, operam e compõem esta classe formadora de opinião. Grande parte dessa massa de profissionais é oriunda das classes mais altas da sociedade,

<sup>3</sup> A matéria em que a imagem foi retirada foi ao ar no dia 02 de Abril de 2014. Com o seguinte título a matéria alardeia: **A peladona da Avenida Sul - Ela tirou a roupa e tomou até banho na rua. A musa diz que por isso já ganhou o apelido de Eva. Ela deu entrevista ao repórter André Estanislau.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kwIuUMgSANY>> Acesso em: Set 2013.

vindos de famílias abastadas, tendo acesso a: boa educação escolar, lazer, e outras formas de inserção cultural e social. Como aponta o IBGE, na pesquisa decorrente ao censo de 2010, os brancos estudam mais e ganham mais que os negros, considerando a faixa etária entre 15 e 24 anos, 31,1% da população branca frequentava a universidade. Em relação aos pardos e pretos, os índices são de 13,4% e 12,8%, respectivamente.<sup>4</sup>

A esta parcela da população pertencem os estudantes de jornalismo, isto é, pelos dados do IBGE apreende-se que a maioria dos jornalistas graduados no Brasil são brancos e que, pertencentes a classe média, pouco vivenciaram dos problemas da periferia retratados nos programas policiais.

De certo, visões racistas e preconceituosas não nascem junto com o ser humano, mas vão sendo moldadas e incorporadas a sua personalidade durante seu crescimento, no Brasil a perspectiva racista foi perpetuada durante tanto tempo, que acabou se naturalizando, não deixando margens a questionamentos daqueles que ainda pregam esse tipo de tendência. Da mesma forma observou Amaral (2001. P, 02) quando diz que:

Não obstante a sociedade brasileira, de hoje ainda vive, sob os efeitos das doutrinas arianistas, evolucionistas e racianistas que pregavam no passado, ora a pureza das raças com a suposta superioridade da raça branca sobre as demais, ora a mistura racial no sentido de enfraquecer a cultura e a população negra a curto e médio prazo a fim de embranquecer a população brasileira apagando a forte presença do negro no país.

E como sabido esse convívio é feito em primeira instância na família, onde podemos presumir que pensamentos e tendências racistas são advindas como pensamento da base familiar. Fazendo assim perpetuar, uma visão inferior daqueles que têm a melanina mais acentuada, estereótipos sociais e raciais são então transmitidos de geração em geração. Culminando com o reflexo desse tipo de olhar na vida e na dinâmica profissional do jornalismo.

Assim como acabamos definimos telejornalismo e telejornalismo policial, acreditamos que seja de suma importância para bom entendimento desse trabalho a identificação dos indivíduos que formam nosso grupo de interesse nesse tipo de programas, o grupo étnico dos negros este grupo representa a maioria em termos de

---

<sup>4</sup> Dados retirados do site UOL, publicado em 29-06-2012: < <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/brancos-ganham-duas-vezes-mais-que-negros-e-dominam-ensino-superior-no-pais-mostra-censo-2010.htm>> Acessado em: Dez 2013.

prisão, reclusão e suspeição em questões policiais. Como nos mostram os relatórios estatísticos do sistema prisional do estado de Pernambuco, elaborado pelo Ministério da Justiça no ano de 2012.<sup>5</sup> Segundo esse relatório: Pernambuco tem uma população carcerária de 28, 769, sendo que desses 18.040 são pardos e negros. Fato que colabora para a validade desse nosso estudo, já que esse grupo também corresponde à maior parte da população brasileira sendo de 50.7% do total.

## **Assimetria de poder: a serviço das classes dominantes**

Uma boa observação que podemos fazer sobre os programas policiais televisivos, é sobre o local das entrevistas. Via de regra, o sujeito negro já detido pelas forças policiais, desmoralizado pela situação em que se encontra e pelas acusações que recaem sobre ele, encontra-se prostrado nas delegacias ou em meio às ruas, locais em que regularmente ficam expostos à imprensa. É preciso atentar a ocorrência da assimetria de poder em tais circunstâncias.

Observando que os repórteres brancos formalmente instruídos, portadores de uma boa formação educacional e dotados de pressuposta eloquência, acabam consciente ou inconscientemente oprimindo e relegando ao "entrevistado" o posicionamento de interrogado. O indivíduo, na situação de acusado, parece julgar que tem a obrigação de responder seus questionamentos. Perguntas essas que sempre procuram fazê-lo responder positivamente ao seu intento criminoso, ou seja, declarando-se culpado. Como exemplo, temos o caso de um homem que foi preso após tentativa de assalto no bairro da Várzea, cidade do Recife, no dia 02 de Abril 2014 a entrevista foi ao ar no dia 03 de Abril 2014 no programa, Plantão 1 -9 - 0<sup>6</sup>.

<b>Legenda</b>	
<b>Sonora do repórter</b>	A polícia definiu o suspeito como um homem frio, no Departamento de Homicídios e Proteção a Pessoa, o DHPP, apesar de algemado, ele parecia estar despreocupado...
<b>Acusado</b>	Vou me arrepender por quê? Vou fazer o que? Faz parte da vida "vei"...

<sup>5</sup> Dados retirados do Portal do Ministério da Justiça. Link de acesso a pesquisa <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509CPTBRNN.htm>> Acessado em: Fev 2014.

<sup>6</sup> Homem preso após tentativa de assalto no bairro da Várzea. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=95tH7hVO\\_r0](https://www.youtube.com/watch?v=95tH7hVO_r0)> Acesso em: Mai 2014.

	brincadeira de polícia e ladrão...
<b>Sonora do repórter</b>	O foragido da Penitenciária Agroindustrial São João, a antiga APAE, assumiu ter participado de um assalto contra um policial militar no bairro da Várzea...
<b>Acusado</b>	Tava com o carro roubado já, ia roubar outro pra “botar” numa casa lotérica, no dia seguinte, só que por azar “arrente” deu um “bote” num policial “né”? Aí “entramo” numa troca de “tiro” ele me baleou primeiro eu revidei “né”? Por que na hora eu não senti o tiro não “vei” eu consegui correr, o outro ficou lá “mermo”

Fonte: o autor

Quando discorda, é relativamente comum que o preso fique ali a soltar piadas, mande recados para seus parentes, amigos e inimigos divaguem sobre os questionamentos ou mesmo que acuse policiais de abuso. Neste caso, ainda que as respostas divirjam daquilo que é esperado, o sujeito se sente compelido a responder. Como mostramos nesse trecho da reportagem feita no dia 21 de Março de 2014.<sup>7</sup>

<b>Legenda</b>	
<b>Sonora do repórter</b>	Em entrevista os suspeitos são irônicos e assumiram que tentaram matar o rival...
<b>Sonora do repórter</b>	Ele escapou?
<b>Acusados</b>	Sorte!
<b>Sonora do repórter</b>	Vocês iam fazer o que com essas armas?
<b>Acusado</b>	“Oxe” “arrente” ia “torar” todo mundo que “tirasse” “nois”
<b>Sonora do repórter</b>	“ia” atirar em quem aparecesse?
<b>Acusado</b>	É é é... ”tirar” o cara como comédia o cara “tora”, por que bandido bom é bandido solto!
<b>Sonora do repórter</b>	Ah! É?
<b>Acusado</b>	O meu “revolve” tá topado de “bala” bota quente.
.....	.....
<b>Sonora do repórter</b>	E o rapaz que vocês tentaram matar?
<b>Acusado</b>	Oxe... “arrente” vai pegar ele ainda “pô”...
<b>Sonora do repórter</b>	Mas vocês estão indo pro cotel
<b>Acusado</b>	“Vixe”, mas “arrente” num sai não é? ....Só tem um cara que prende “arrente” e “arrente” num se solta mais que é o coveiro...

Fonte: o autor

Ao coagir o sujeito à fala por meio de uma relação de poder que é assimétrica, o jornalismo deixa de cumprir sua função informacional. O jornalismo policial, quando utiliza do artifício. Da assimetria para extrair conteúdos pouco esclarecedores dos

<sup>7</sup> A reportagem trata de uma dupla de jovens de 18 e 20 anos de idade que foi presa por porte ilegal de armas na comunidade do Curral, em Boa Viagem, na Zona Sul do Recife. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CSzcmEmN97w>> Acesso em: Mai 2014.

acusados, contribui com o entretenimento piegas e de mau gosto, colocando a imagem dessas pessoas, já prejudicada pelo contexto dos possíveis delitos que cometerem, em uma situação ainda pior: a situação do ridículo.

E com isso eles refletem os efeitos da sobreposição de sua “superioridade” e da “inferioridade” e impotência de reagir daqueles que ali estão sendo transmitidos pelas câmeras, fazendo-os reconhecerem-se como fracos e inúteis, causando o efeito de um espelho, mas que por azar dos oprimidos, ou sabedoria dos opressores, o reflexo se dá em um espelho côncavo, que dá a imagem refletida um tamanho menor que o real.

Assumindo essa postura mandonista, o que entendemos como uma postura assimétrica de poder. Fica claro que muitos dos repórteres e apresentadores destes programas incorporam de fato a posição de "donos" da verdade, responsáveis pelos cuidados da moral, da ética e dos bons costumes, quando não se colocavam ali como juiz e júri, julgando e de pronto condenando os que por ele são “entrevistados”, neste caso a maioria negra, o que amplia a discriminação.

## **Quando a mídia oprime: o uso das estratégias de endereçamento na mídia racista**

Modo de endereçamento é a orientação de um programa para com o seu público, utilizando assim modos de dizer específicos, que construam significados dentro desses grupos e gerem sentido com o público, relacionando-se com a construção de uma imagem da audiência, já que a linguagem do programa sua estrutura narrativa e argumentativa vão em busca de diálogo com esse público, como assim foi explicado por Itânia Gomes (2004 p. 108). “Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência.”

Daí percebemos que o telejornalismo policial faz uso das estratégias de endereçamento, não só para uma melhor interação com seu público, mas também para assegurar sua audiência apelando para o sensacionalismo como ferramenta para construção do contrato de leitura<sup>8</sup>, que é a relação de confiabilidade e verossimilhança

---

<sup>8</sup> O conceito de contrato de leitura foi formulado pelo filósofo e semiólogo, Eliseo Verón. Na obra Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

estabelecido na linguagem jornalística, reforçando em suas matérias estereótipos negativos de dominação, já que a informação jornalística é construída tendo como base a prisão e elevação dos ali detidos ao ridículo, esse tratamento em especial é oferecido aos negros, que se encontram em atitude e conduta desviante.

A opressão feita pela mídia televisiva no telejornalismo policial se fundamenta na repercussão e perpetuação de conceitos de superioridade da população branca frente à população negra como foi contado por Gilberto Freyre (1933, p. 42), em sua Obra, Casa Grande Senzala<sup>9</sup> quando cita:

No caso do Brasil, que foi um fenômeno do século XVII, o português trazia mais a seu favor, e a favor da nova colônia, toda a riqueza e extraordinária variedade de experiências acumuladas durante o século XV, na Ásia e na África, na Madeira e em Cabo Verde. Entre tais experiências, o conhecimento de plantas úteis, alimentares e de gozo que para aqui seriam transplantadas com êxito, o de certas vantagens do sistema de construção asiático, adaptáveis ao trópico americano, o da capacidade do negro para o trabalho agrícola.

Podemos observar que segundo os escritos do sociólogo renomado em questão, o trabalho escravo realizado pelo negro no Brasil até 1888 foi uma “riqueza” trazida para a América pelo Europeu – Português, para que com isso e sem ele a colônia portuguesa não atingiria sucesso.

Assim vemos as matrizes que deixaram tão fértil terreno para que esses conceitos hoje já arraigados em nosso dia-dia, incutindo nos espectadores à aceitação a repetição de comportamentos discriminatórios, por crenças em atitudes desviantes dos negros sejam normais e que a violação de direitos humanos seja constante.

Ainda que tenhamos resguardado no Art. 5º da nossa Constituição Federal 1988, que reza “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade...”

Porém na prática o que vemos é que as noções e aplicabilidades de igualdade não saem do papel, as lutas já feitas tanto em solo brasileiro como estrangeiro parecem não surtir efeito quando confrontadas com o poder de capital das poderosas empresas de

---

<sup>9</sup> O livro escrito em 1933 foi o primeiro a abordar as características de nossa população assim como o processo de formação do povo brasileiro, dando ao Europeu o papel de protagonista dessa história.

comunicação que não respeita o caput do artigo citado nem tão pouco os incisos V e X<sup>10</sup> que asseguram respectivamente e inequivocamente o direito de resposta e a indenização proporcional aos danos morais, materiais e de imagem, assim como a inviolabilidade desses preceitos indispensáveis para quaisquer pessoas sejam elas culpadas de algum crime ou não.

Nesse contexto aponta Fernando Costa (1998, p.158): “Entretanto, paralelamente à retórica liberal, as “atitudes” da mídia de massa no Brasil reproduzem estereótipos solidamente arraigados na mentalidade nacional. Os Afro-descendentes são o Drácula da mídia brasileira.”

Pelo enunciado podemos refletir que os programas telejornalísticos policiais causa aos grupos negros no Brasil é o puro sentimento de diminuição e inferioridade, além da culpabilidade sempre apontada para eles. Além de serem pouco representados no campo da publicidade<sup>11</sup>, como apontado no livro O negro no espaço publicitário (2011), são alvo fácil do jornalismo policial. Isto por que, por estarem sofrendo prisão e inquérito policial, são filmados enquanto algemados, abordados nas celas, postados de cabeça baixa frente a um jornalista que se porta mais como inquisitor extremamente contundente e quase que obrigados a dar declarações, com o microfone literalmente empurrado em suas bocas, como se dar alguma declaração para imprensa fosse sua obrigação, sendo igualados a um prêmio, na caça pela tão disputada “entrevista”.

Assim fazem uso de imagens de prisões que mais remetem aos tempos de escravidão, quando os negros fugidos que eram capturados pelos capitães do mato ficavam a exposição em praças públicas com a finalidade de serem exibidos ao povo e servirem de exemplo aos outros bandidos. O jornalismo perde então a função informativa e espetaculariza prisões e crimes.

Nossas observações acerca das condutas e posturas assumidas nesses programas apontam para a discriminação de uma camada específica da sociedade brasileira, os negros, pobres e sujeitos com baixo grau de instrução são tratados nos programas

<sup>10</sup> O Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, mundialmente conhecida como constituição cidadã, por trazer em seu bojo teórico elementos que assegurem o direito de cidadania como no Art. 5º incisos V - é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem; e X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompiled.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompiled.htm) > Acesso em: Abr 2014.

<sup>11</sup> O livro trata da representatividade dos negros nos espaços publicitários brasileiros, além de fazer uma incursiva por outras produções como telenovelas.

televisivos de caráter policial de forma acusatória. Esse indivíduo é quase sempre jovem, com menos de 30 anos de idade, negro, periférico e de pouca escolaridade. Como nos mostra a tabela do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – Infopen, que mostra o quantitativo de presos por etnia no estado de Pernambuco, tal pesquisa data do ano de 2012, e foi elaborada pelo Ministério da Justiça.<sup>12</sup>

	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>Total</b>
<b>Indicador: Quantidade de Presos por Faixa Etária</b>	<b>26,86</b>	<b>1,909</b>	<b>28,769</b>
Item: 18 a 24 anos	8,188	538	8,726
Item: 25 a 29 anos	6,879	422	7,301
Item: 30 a 34 anos	4,941	324	5,265
Item: 35 a 45 anos	4,592	393	4,985
Item: 46 a 60 anos	1,643	183	1,826
Item: Mais de 60 anos	490	35	525
Item: Não Informado	109	18	127
Valor automático de correção de itens inconsistentes - Diferença com relação à população carcerária do Estado	18	-4	14

Fonte: Ministério da Justiça Departamento Penitenciário Nacional Sistema Integrado de Informações Penitenciárias – InfoPen" Formulário Categoria e Indicadores Preenchidos Link do arquivo em <portal.mj.gov.br/services/.../FileDownload.EZTSvc.asp?...26A4...> Acesso em: Mai 2014.

Segundo a tabela e o que abordamos acima dela o Jovem está dentro daquilo que enxergamos no Brasil como tipo ideal de criminoso<sup>13</sup>, forjado pelo Estado com aceitação ou atomismo da sociedade e ainda legitimado e propagado por uma mídia tendenciosa a assimilar a imagem dos negros a pessoas de inadequação social, o culpado por excelência e perigoso ao extremo.

Em simples comparações podemos observar a empunhadura do microfone que os jornalistas, que em sua grande maioria são brancos fazem sobre os indivíduos que chegam as delegacias como suspeitos ou foragidos, pegos em situação de crime ou desfio. Como podemos ver nas imagens que a seguir. O feitor ao invés de usar chicote agora tem em mãos um microfone ao invés de capatazes para seu auxílio segue acompanhado por uma câmera. Como podemos ver nas imagens seguintes:

<sup>12</sup> Link de acesso a pesquisa mapa da violência Disponível em:< <http://www.mapadaviolencia.org.br/> > Acesso em Mai 2014.

<sup>13</sup> Termo forjado pelo Sociólogo Max weber, no qual para ele o tipo ideal seria o tipo puro, a forma por excelência, sendo esse aquele que não corresponde à realidade, mas que ajuda a entendê-la.

Figura 2: (Feitor corrigindo escravo - Debret)



Fonte: Escola Educação<sup>14</sup>

Figura 3: (Dupla é presa acusada de matar taxista de 77 anos na Várzea)



Fonte: TV Jornal.com<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Feitor corrigindo escravo – Pintura de Jean Baptist Debret - Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/brasil-colonial-de-jean-baptiste-debret/>> Acesso em Fev. 2014.

<sup>15</sup> Dupla é presa acusada de matar taxista de 77 anos na Várzea. Disponível em: <[http://tvjornal.ne10.uol.com.br/videoteca\\_video.php?id=12853](http://tvjornal.ne10.uol.com.br/videoteca_video.php?id=12853)> Acesso em Jun 2014.

Figra 4: (Acusado de assalto em Porto de Galinhas)



Fonte: Youtube.com<sup>16</sup>

Nestas imagens temos a amostra da maneira violenta que os jornalistas dos programas citados “entrevistam” os negros que estão sob acusação de crime nas delegacias e diligências policiais da Região Metropolitana do Recife (RMR).

Nas imagens 3 e 4 temos uma mostra de violência moral, já que o enfoque sobre o acusado é de total submissão, jornalista tentando quebrar o silêncio do acusado, forçando-o a falar, as imagens denunciam violência psicológica, câmera focalizando o acusado em posição fetal que tenta se proteger e proteger sua imagem das investidas da equipe de reportagem.

As equipes de reportagem e seus equipamentos servem como instrumento de ameaça, violência institucional, motivada pela desigualdade étnico racial dos envolvidos na imagem, brancos privilegiados socialmente, e negros marginalizados.

Cabeça baixa e o microfone imposto em sua boca pra falar, essas táticas funcionam perfeitamente para imposição ao sujeito submisso – que neste texto invariavelmente associamos ao passado escravocrata do país - a responder as perguntas do senhor branco que o inquirir.

A intimidade da dor e vergonha que antes era compartilhada com a senzala, a

<sup>16</sup> Acusado de assalto na Praia de Porto de Galinhas Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=sZli7PUhqKo> > Acesso em Mai 2014.

fazenda ou no máximo a vila, agora é compartilhada com uma cidade inteira chegando até os espaços globais, já que com o uso da internet nesse novo século chamado de século da informação, alcançar outros países não é tarefa das mais difíceis, ficando aí a imagem de pessoas que, já pela nossa estrutura social e sistema prisional. Como a exemplo aconteceu na Cidade de Caruaru, no ano de 2006, apresentado no programa - Sem meias palavras - exibido pela TV Jornal Caruaru, Uma das afiliadas do SBT no estado, um homem foi filmado dentro de uma delegacia sendo acusado de dirigir uma moto alcoolizado, o vídeo ficou conhecido como “Jeremias muito louco”. Na filmagem ele aparece cambaleante, falando frases desconexas e dizendo que foi o “cão” quem o fez beber, tais imagens chegaram a ser reproduzidas na TV Norte Americana, sendo também grande sucesso na web. Jeremias moveu um processo contra os que produziram tal matéria alegando que o vídeo lhe causou danos de imagem e lucro às empresas que veicularam<sup>17</sup>.

Essas marcas de humilhação pública passadas pelo jovem citado acima, assim como as marcas de uma passagem pela prisão nunca são apagadas ou reparadas, muito pelo contrário essas marcas são potencializadas, aternizadas nas carteiras de trabalho daqueles que tiveram passagem na prisão. Desse jeito um instrumento que deveria servir como elemento de socialização, simbolizando o cidadão trabalhador, se dá a utilidade semelhante ao que fazendeiros fazem ao seu rebanho, mas dessa vez não se demarca a propriedade, mas sim, é marcado aquele que deve ser evitado.

Esses fatores apenas aprofundam ainda mais um indivíduo que não tem um tratamento de reeducação em unidades prisionais, é massacrado pela mídia que insiste em enxergar o corpo negro como um depositário do mal, sendo por fim, rechaçado pela sociedade. Como poderá um indivíduo assim tratado encaixar-se num padrão de adequabilidade? Como poderia ele ser o tipo ideal de cidadão? E qual seria esse tipo ideal de cidadão brasileiro? Se tomarmos como exemplo aquilo que nos é mostrado pela mídia, que não representa os negros ou o faz de maneira esdrúxula e estereotipada, pois para ela o tipo ideal é sempre aquele de pele clara, com o cabelo que não se apresente como o crespo, vindo das classes mais abastadas, que acaba obtendo as melhores condições de circulação na sociedade, como educação, esporte e lazer. Refletindo isso em todos os campos midiáticos do entretenimento ao jornalístico, essa última que tem

---

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2008/01/02/ult4213u270.jhtm> > Acesso em Fev 2014.

tomado para si a incumbência de colocar o negro em posições de sempre culpado e perigoso. Usando para isso sua suposta autoridade frente aos telespectadores que os enxergam como locutores de fatos reais, verdadeiros e sempre imparciais.

Mas a autoridade que a posição “jornalística” coloca o maniqueísmo à tona, em que o negro será sempre o ruim já que está sendo preso e o branco o como sempre a personificação da bondade e justiça, já que é o repórter branco ou pardo educado que julga. O termo aqui se refere à educação formal oferecida nas universidades de onde os jornalistas e radialistas que atuam nestes programas são egressos.

## **Conclusão**

Os programas de telejornalismo policial pernambucanos pautam suas matérias, roteiros e diálogos pela espetacularização e banalização, levando os conteúdos apresentados a um empobrecimento informativo e conseqüentemente o seu público a tomar ciência de falsas ou “meias verdades”.

Não sendo isso o bastante, esses fatores como mostrados no texto, são apontados em maioria para o grupo étnico dos negros, que são a maioria da população brasileira, maior identidade étnica dentro dos nossos presídios, menor parcela de classe abastada e detentora de diplomação em nível superior, junto a esses indicadores do Séc. XXI, ainda carregamos em nossas enunciados diários resquícios de uma doutrina arianista, tendo o negro sempre como o indivíduo a ser combatido, expurgado e sempre que possível reeducado para que possa conviver harmoniosamente, mas submetido aqueles de pigmentação mais clara o que nossas reportagens policiais fazem questão de mostrar a cada edição de seus respectivos programas.

Medidas fiscalizadoras devem ser implantadas para que tais absurdos não permaneçam dentro do trabalho jornalístico pernambucano de maneira tão corriqueira, organizações e entidades como: Movimento Negro Unificado de Recife – MNU e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, poderiam agir de maneira mais fiscalizadora desses programas que tendem seriamente a ultrapassar os limites e sempre acabam difundindo de alguma forma discursos de teor discriminatório e levando negros a situações humilhantes ou vexatórias.

Potenciais soluções para solucionar esses problemas de reconhecimento e

representação estão no senso comum de cada membro da população brasileira, pois esse não é tema novo a ser debatido e combatido. Porém pouco se põe em prática acerca daquilo que é devido para acabar ou ao menos minimizar os efeitos drásticos que atitudes racistas possam acarretar aos grupos vitimados por elas, em contrapartida o interesse do capital das empresas de comunicação, e a leviandade dos comunicadores que enxergam nesses grupos ao mesmo tempo o reflexo do mal a ser combatido e os pontos de audiência que se convertem em cifras monetárias.

## Referências

AIRES. Janaine S. Freires, Artigo: **A Caravana da verdade**: análise da interação entre jornalismo policial, prestação de serviços e entretenimento no programa correio da verdade. *In* anais do: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife. Set de 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0607-1.pdf> >. Acesso em: Jul 2018.

AMARAL. Assunção J. P. **Mercado de trabalho branco! Racismo? Na virada do século XX!?** Disponível em: < [www.naea.ufpa.br/pdf\\_tcc.php?id=72](http://www.naea.ufpa.br/pdf_tcc.php?id=72)>. Acesso em: Set 2014.

BARATA. João Medeiros, Artigo: **Discursos de violência e não-violência na mídia policial televisiva**. *In*: Revista Aurora 2010. p 52-67. Disponível em: < [http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7\\_v\\_janeiro\\_2010/artigos/download/ed7/6\\_artigo.pdf](http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/6_artigo.pdf) >. Acesso em: Jul 2018.

CURADO. Olga: **A notícia na TV, O dia – a – dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. — 481 ed. rev. — São Paulo: Global, 2003. — (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

GOMES, I. M. M. **Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo**. *In*: CASTRO, M. L. D.; DUARTE, E. B. (Org.). *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. v. 1, p.107-123.

GUERRA. Lucia Helena Barbosa, Artigo: **“Entre tapas e beijos”**: a violência de gênero nos programas policiais da televisão pernambucana. *In*: Revista Fazendo Gênero v. 9. ano 2010. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=143](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=143) >. Acesso em: Jul 2018

MELO SILVA, Dilma de et al. A imagem do negro no espaço publicitário. *In: O negro no espaço publicitário: Perspectivas contemporâneas em diálogo*, Escola de Comunicação e Artes Universidade de São Paulo. São Paulo P. 2011.

OLIVEIRA. Dannilo Duarte, Artigo: **Jornalismo policial**: uma análise do sensacionalismo nos telejornais baianos. *In* anais do: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife. Jun de 2012 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0601-1.pdf>>. Acesso em: Jul 2018

OLIVEIRA. Dannilo Duarte, Artigo: **Linha Direta**: Jornalismo policial e punição. *In*: Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 8, n. 17, p. 235-246, dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/14570/13976>>. Acesso em: Jul 2018

OLIVEIRA. Dijaci David de... [ET AL.] **A cor do medo**. Brasília: Editora da UnB; Goiânia: Editora da UFG, 1998. 172 p.: 11. – (Série violência em manchete).

SALES. Thaynne, Artigo: **A identidade discursiva de moradores de favela e traficantes no documentário e no telejornal**. *In* anais do: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife. Jun de 2012. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/lista\\_area\\_IJ01.htm](http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/lista_area_IJ01.htm)> . Acesso em: Jul 2018

SOUZA. Anamaíra Pereira Spaggiari, Artigo: **Jornalismo policial sensacionalista**: Entre a audiência e a função social. *In* anais do: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, set de 2009 Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1123-1.pdf>> . Acesso em: Jul 2018

SKIDMORE. Thomas E. Preto no branco: **Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro** (1870 - 1930); tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

THEODORO, Mário et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil – 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. 176 p.

VERÓN, Eliseo. **Quando ler é fazer**: a enunciação no discurso da imprensa escrita. *In*: Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004 a. p. 215-238.